

MANUAL DO PROFESSOR

**A esperança é
uma menina que
vende frutas**

Autoria

Daniela de Amorim Lopes (CEDAC)



MANUAL DO PROFESSOR

AUTORIA DANIELA DE AMORIM LOPES (CEDAC)

LIVRO

A ESPERANÇA É UMA MENINA QUE VENDE FRUTAS

AUTORA E ILUSTRADORA
AMRITA DAS

TRADUTORA
ROSA AMANDA STRAUSZ

CATEGORIA 1

OBRAS LITERÁRIAS VOLTADAS PARA OS ESTUDANTES DO 6º E DO 7º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

TEMAS

AUTOCONHECIMENTO, SENTIMENTOS E EMOÇÕES; O MUNDO NATURAL E SOCIAL; ENCONTROS COM A DIFERENÇA

GÊNERO LITERÁRIO
MEMÓRIA

Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para
a Ação Comunitária

Coordenação

Ana Maria Alvares

Revisão

Angela das Neves
Adriana Moreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Lopes, Daniela de Amorim

Manual do professor — A esperança é uma menina que
vende frutas / Daniela de Amorim Lopes ; CEDAC. —
Paranaguá : A Página Store, 2018.

Bibliografia

ISBN 978-85-54309-03-9

1. Literatura infantojuvenil — Estudo e ensino I. Título
- II. Das, Amrita. A esperança é uma menina que vende frutas
- III. CEDAC

18-0952

CDD 372.64044

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil — Estudo e ensino 372.64044

2018

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA FONTANAR LTDA.

Praça Floriano, 19 — Parte sala 3001

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

APRESENTAÇÃO

Cara professora, caro professor,

Neste manual, você vai encontrar material de apoio para o trabalho com o livro *A esperança é uma menina que vende frutas*. Desde já, enfatizamos que as propostas de atividades feitas aqui são sobretudo sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra. Ele é composto dos seguintes itens:

- 1. A autora e a obra:** dados biográficos da autora e informações que contextualizem a obra.
- 2. Vale a pena ler este livro:** informações e sugestões que visam motivar o estudante para a leitura.
- 3. Este livro na formação leitora dos estudantes do 6º e do 7º anos do Ensino Fundamental:** a relação da obra com os temas propostos, com a categoria e o gênero literário.
- 4. Fazendo a ponte entre o leitor e o livro:** subsídios, orientações e propostas de atividades para a abordagem da obra literária com os estudantes.
- 5. Este livro e as aulas de Língua Portuguesa:** sugestões para o encaminhamento do trabalho antes e depois da leitura.
- 6. Possibilidade interdisciplinar:** orientações gerais para aulas de outros componentes ou áreas para a utilização de temas e conteúdos presentes na obra, com vistas a uma abordagem interdisciplinar.

Bom trabalho!

1. A AUTORA E A OBRA

A *esperança é uma menina que vende frutas* foi escrito e ilustrado por Amrita Das. Essa indiana, nascida em 1986, compartilha com o leitor uma história forte e delicada, na qual a união da palavra e da imagem conta as memórias da autora.

Amrita é uma das mais importantes representantes do estilo Mithila, arte folclórica originada entre as mulheres que viviam na zona rural do estado de Bihar, no leste da Índia. Ao participar de uma oficina de criação de livros, a autora foi motivada a pensar em uma história para ilustrar, e isso representou, para ela, um desafio. Embora soubesse, com muita clareza, o tema que gostaria de abordar — as mulheres —, ela não sabia o que falar sobre elas.

Para realizar a tarefa, Amrita Das propôs-se, então, uma reflexão sobre o universo das mulheres, a qual compartilha neste livro com o leitor. Acompanhar esse processo reflexivo de maneira profunda só será possível se o interlocutor dedicar sua atenção às ilustrações tanto quanto dedica à leitura das palavras.

Discutir o papel da mulher na sociedade indiana, patriarcal como é, exigiu dessa jovem artista mais do que talento e habilidade artísticos. Foi necessário uma boa dose de ousadia.

Amrita encerra *A esperança é uma menina que vende frutas* dizendo:

Quero ser corajosa,

Quero ser diferente. (p. 29)

Conseguiu isso: Amrita vem rompendo com a tradição Mithila e, assim, conseguindo imprimir uma marca pessoal nas obras que produz. E é também uma inspiração para outros jovens artistas.

Para saber mais sobre a arte Mithila, seguem algumas sugestões:

- Neste vídeo, você pode ver algumas cenas produzidas no Mithila Art Institute, onde Amrita Das estudou. Disponível em: <<http://bit.ly/2J3YE6T>>. Acesso em: 30 maio 2018.
- No site do Mithila Art Institute (em inglês), é possível saber um pouco mais sobre o estilo Mithila e sua história. Disponível em: <<http://bit.ly/2kH007b>>. Acesso em: 30 maio 2018.

2. VALE A PENA LER ESTE LIVRO

“**U**SE-ME.” Se observar atentamente a ilustração das pp. 6-7 de *A esperança é uma menina que vende frutas*, o leitor poderá notar a imagem de um objeto onde está escrita esta instrução: *Use-me*. O objeto pode ser um cesto, um tapete ou um banco. O que importa, de fato, é o que ele pode representar: um convite. Convite indefinido, mas fundamental. Usar o quê?

A imaginação. A sensibilidade. O coração. A disponibilidade de colocar em jogo o que sabemos sobre um jeito de ser, de pensar e de viver. Como diz Teresa Colomer (2007), “os livros ajudam a saber que as imagens e as palavras são representações do mundo da experiência” (p. 52).

Unindo um traçado delicado às palavras que formam frases quase poéticas, a artista plástica Amrita Das coloca em pauta, com leveza, um assunto importante: o papel da mulher na sociedade indiana. Embora o enredo dessas memórias fale das mulheres nascidas na Índia, a reflexão sobre o assunto amplia-se a todos os recônditos do planeta.

O encontro é o ponto de transformação nessas memórias. Seja com um

professor, seja com uma menina num trem para Chennai, seja com a arte e com a literatura. Ninguém sai de um encontro como chegou até ele.

As inquietações da narradora evidenciam-se quando surge sutilmente a lembrança da paralisação que a acomete diante de uma realidade que, ainda que diferente, é a sua. Durante toda a narrativa, ela nos conta do sofrimento da mulher, que tem de lidar desde a infância com uma sociedade que a rebaja e desqualifica. No encontro com a menina no trem, ela fala de sua tristeza, de seus medos e aflições em relação ao que poderia estar acontecendo com a jovem — fome, miséria, solidão, violência —, mas não consegue fazer nada. Sente vontade de oferecer comida, mas não o faz. Preocupa-se com o sumiço da menina, mas não a procura. Tenta entendê-la, mas não sabe como ajudá-la e demonstra alívio ao se convencer de que tudo ficará bem, embora não haja indícios claros do que acontecerá.

Para Colomer (2007), “O texto literário ostenta a capacidade de reconfigurar a atividade humana e oferece instrumentos para compreendê-la, posto que, ao verbalizá-la, cria um espaço específico no qual se constroem e negociam os valores e o sistema estético de uma cultura” (p. 27).

Da leitura deste livro, espera-se uma transformação. De saída, a transformação do olhar. Isso porque, neste livro, o texto não pode ser completamente compreendido sem o apoio da imagem. O leitor deve se dispor a reconhecer nas imagens informações que não estão explícitas no texto, não só achá-las bonitas ou não.

A imagem que acompanha o trecho “[...] Ela talvez não tivesse o que comer, mas mesmo assim senti que poderia não gostar do convite. Parecia orgulhosa” (p. 14) mostra, entre outros elementos, no canto superior direito, insetos e ratos comendo os restos de comida. Pode-se questionar os estudantes: O que nos diz essa imagem?; O que ela tem a ver com o orgulho que a narradora identifica na menina?; De que forma a imagem complementa o texto verbal ao seu lado?; Que outros elementos reforçam ou contrariam o que está escrito?; É possível entender este livro lendo apenas o texto verbal?; Ou apenas apreciando, despretensiosamente, a ilustração?

Cada imagem produzida por Amrita Das carrega muitos elementos importantes para a elaboração de um sentido em relação ao livro. Tal sentido, no entanto, não é dado apenas pelo que está expresso ali, explicitamente. Deve-se também à subjetividade de cada aluno, construída ao longo de anos observando o que acontece ao seu redor.

Nesse processo de compreensão, as crianças não apenas interpretam o símbolo do que há objetivamente na página do livro, mas também iniciam na necessidade de inferir informações, não explícitas, próprias de qualquer ato de leitura e começam a notar, ao mesmo tempo, os julgamentos de valor que se tem das coisas em sua própria cultura: o que é seguro ou perigoso, o que se considera belo ou feio, habitual ou extraordinário, agradado ou ridículo. (COLOMER, 2007, p. 53.)

Para todo elemento imagético há sempre mais de uma possibilidade interpretativa, permeada pela cultura e pelas experiências de cada um. Uma vaca, para Amrita Das, certamente terá uma representação diferente da que tem para uma pessoa nascida no Brasil.

O texto, ainda que escrito em prosa, revela um tom poético. A autora utiliza figuras de linguagem típicas da poesia, em especial a prosopopeia (figura de linguagem em que se atribuem sentimentos e atitudes humanas a seres e objetos inanimados), que tem como objetivo intensificar a imaginação e os sentimentos do leitor. A autora antecipa essa tendência logo no título: *A esperança é uma menina que vende frutas*, e a confirma em outros trechos, como em: “A garota de **olhos tristes** desapareceu assim que olhei ao redor. Me virei para pegar minhas coisas, meu **coração estava pesado**” (p. 25).

Outro ponto de destaque na obra é a forma como a narradora se comunica com o leitor — ela faz perguntas para as quais não apresenta resposta, convidando-o a participar dessa conversa e opinar sobre os acontecimentos. Há uma construção narrativa que segue num crescente, parte da apresenta-

ção ao leitor da história da personagem — que é a narradora e escritora — até chegar ao compartilhamento das reflexões que ela tece em relação às situações sobre as quais pensou e para que esperou a opinião do seu interlocutor.

O discurso em primeira pessoa promove uma intimidade entre a protagonista e o leitor, não apenas pelo uso da primeira pessoa, mas também pela ausência do diálogo com as outras personagens que aparecem na história. O que a narradora faz é convidar o leitor a um passeio dentro de seus pensamentos, de suas angústias e reflexões. Não sabemos o teor exato das conversas que ela teve com a menina no trem, mas o que ela pensou e sentiu dessas conversas: “Talvez ela não seja nada disso. Mas é assim que eu a percebo” (p. 23).

A esperança é, para Amrita Das, uma menina que vende frutas, mutilada, achincalhada por meninos que riem dela, mas que não reage agressivamente a eles, segue em frente, na opinião da narradora, sem se abalar com as vicissitudes da vida: “‘Ela se basta’, pensei” (p. 27). Para Yolanda Reyes (2012), “a literatura deve ser lida — vale dizer: sentida — a partir da própria vida. Quem escreve deve estrear as palavras e reinventá-las a cada vez, para lhes imprimir sua marca pessoal. E quem lê recria esse processo de invenção para decifrar e decifra-se na linguagem do outro” (p. 26).

A esperança é uma menina que vende frutas possibilita iniciar uma conversa sobre o que é linguagem, o que é um texto, como ele se estrutura e sobre os processos criativos que envolvem a produção de uma obra literária, já que essa história parte do compartilhamento que a narradora faz com o leitor sobre o percurso que a levou até este livro. Além dessa conversa, tão relevante para estudantes que estão aprofundando e expandindo seus conhecimentos e suas habilidades leitoras, há o chamado para uma discussão necessária sobre a participação da mulher na sociedade e para as desigualdades sociais. Assuntos esses que não se restringem ao imaginário dos jovens, mas que habitam o mundo de suas experiências e, portanto, merecem destaque e reflexão.

3. ESTE LIVRO NA FORMAÇÃO LEITORA DOS ESTUDANTES DO 6º E DO 7º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Aleitura deste livro proporciona aos estudantes viver uma experiência literária marcante, tanto pela estética quanto pelos temas que o enredo dessas memórias abrange.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), nos anos finais do Ensino Fundamental:

[...] é importante considerar [...] o aprofundamento da reflexão crítica sobre os conhecimentos dos componentes da área, dada a maior capacidade de abstração dos estudantes. Essa dimensão analítica é proposta não como fim, mas como meio para a compreensão dos modos de se expressar e de participar no mundo, constituindo práticas mais sistematizadas de formulação de questionamentos, seleção, organização, análise e apresentação de descobertas e conclusões. (BRASIL, 2017, p. 60.)

Assim, ao ler este livro, os estudantes vivenciam uma experiência que pode ser permeada por um olhar mais crítico e uma análise que se sobreponha ao texto manifesto, permitindo a eles alcançar o que é da esfera da subjetividade e ir muito além em suas reflexões sobre a linguagem, sobre os recursos literários e sobre o mundo que os cerca. Dessa forma, tanto a análise sobre a estética do livro quanto a discussão sobre as desigualdades sociais e de gênero são privilegiadas pelo amadurecimento do aluno.

As ilustrações em estilo Mithila, quando “lidas”, completam o entendimento do que está sendo contado. O fato de essa obra ser analisada com alunos do 6º e do 7º anos do Ensino Fundamental favorece um aprofundamento na discussão sobre as representações simbólicas presentes em cada elemento das ilustrações e o efeito que produzem na construção do sentido.

O livro de memória de Amrita Das possibilita ao estudante “fazer apreciações e valorações estéticas, éticas, políticas e ideológicas, dentre outras, envolvidas na leitura crítica de textos verbais e de outras produções culturais” (BRASIL, 2017, p. 70).

Como podemos ver no trecho: “A vida de uma menina é dura, especialmente se você está condenada a ser pobre. Ela vai embora antes mesmo de você começar a vivê-la. Há muito trabalho, mas, pior do que estar presa às tarefas intermináveis, é a maneira ofensiva como as pessoas falam com você” (p. 20), a relevância da mulher na obra está posta, não somente pela união da palavra com a imagem — que atua intensamente para a transmissão de uma ideia —, mas também pela estratégia artística escolhida para ilustrar a história.

A arte Mithila é de tradição feminina, na Índia, seu país de origem. Assim como as histórias de tradição oral, a técnica aplicada para produzir os desenhos foi transmitida de geração a geração, e nesse caso somente para as mulheres. Quanto isso afetou o olhar da autora sobre as questões que ela levanta no livro? Quantas histórias compartilhadas enquanto aprendia a desenhar, junto das mulheres da sua cidade, tatuaram sua memória? Quanto dessa memória é posto à prova quando contrastada com outras realidades? A narradora se questiona: “Mas será que minha infância foi mesmo assim?” (p. 9).

É essa, também, a questão do leitor de *A esperança é uma menina que vende frutas*. É a incerteza, a dúvida, a reconstrução do “eu”, o conhecer-se e compreender os sentimentos, as relações e tudo mais que faz parte do cotidiano de um adolescente que está revendo e ressignificando o que, até pouco tempo, parecia-lhe certo e indiscutível.

Este livro tem um grande potencial para propor conversas buscando a ampliação do repertório do leitor, tanto pela análise da linguagem — escrita e imagética — quanto pela possibilidade de estar em contato com o trabalho de uma artista indiana e, com ela, refletir as semelhanças e as diferenças entre a cultura de seu país e a brasileira.

Não há como chegar a uma conclusão definitiva sobre o texto proposto pela autora. A subjetividade dos estudantes fará seu papel como coautora deste livro, já que lhes cabe a tarefa de ler as imagens. E, ao compartilhar essa leitura, eles depararão com a pluralidade de possibilidades de interpretação que uma mesma imagem pode apresentar. Aliás, o debate pode se estabelecer com igual pluralidade de resposta já no título, afinal, a esperança é ou não é uma menina que vende frutas?

4. FAZENDO A PONTE ENTRE O LEITOR E O LIVRO

Conforme já dissemos, Amrita Das nos ensina que o encontro é transformador. *A esperança é uma menina que vende frutas* promove um encontro muito interessante, porque, por um lado, os estudantes podem ler essa história com autonomia e, por outro, ao compartilhar a leitura com você e com os colegas, conseguem se aprofundar e compreender o enredo em sua complexidade temática e discursiva.

Como o título desta obra é, no mínimo, curioso, a leitura pode começar por questões como: O que podemos saber sobre este livro a partir do título?; O que você acha que significa a esperança ser uma menina que vende frutas?; O que é esperança para você? As respostas podem ser compartilhadas e comentadas pelo grupo, junto da análise coletiva da capa, e comparadas às informações da contracapa.

O encontro com o texto poderá acontecer em várias etapas. Planeje esses momentos, antecipando pausas, fazendo perguntas, chamando a atenção para um ou outro aspecto que permita ao estudante a ampliação da sua capacidade de apreciar, esteticamente, uma obra literária.

É importante que você já tenha lido *A esperança é uma menina que vende frutas* antes de apresentá-lo ao grupo. Dessa forma, poderá decidir quais trechos podem ser lidos individualmente e quais devem ser lidos coletivamente. Porém, é preciso esclarecer que a leitura compartilhada, realizada por um leitor experiente ou não, não é apenas uma atividade de leitura em voz alta, mas se trata de uma situação de aprendizagem em que pode haver a troca de ideias entre os leitores, potencializando as possibilidades interpretativas e reflexivas, quer seja sobre o estudo da língua e dos recursos literários, quer seja sobre a análise dos temas. Isso porque “[...] a reflexão educativa já assinalou que o sentimento de pertencer a uma ‘comunidade interpretativa’ é o mecanismo básico para aprender a desfrutar de formas literárias mais elaboradas” (COLOMER, 2007, p. 148).

[EF69LP46] Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, *slams*, canais de *booktubers*, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, *blogs* e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, *vlogs* e *podcasts* culturais (literatura, cinema, teatro, música), *playlists* comentadas, *fanfics*, *fanzines*, *e-zines*, fanvídeos, fanclipes, *posts* em *fanpages*, *trailer honesto*, vídeo-minuto, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs.

A narração pode ser amplamente discutida, tanto em relação à escolha das palavras que evidenciam a presença de um narrador-personagem quanto em relação à intenção da autora, que, ao privilegiar esse tipo de narrativa,

estabelece uma conversa direta com o leitor, criando laços de confiança que permitem que a narradora divida com ele suas angústias, convidando-o à reflexão. Fica, para o leitor, a sensação de que a narradora espera uma resposta de sua parte, já que ela mesma não oferece respostas às suas indagações.

Selecione trechos que sejam potentes para disparar uma discussão onde caiba questionar os estudantes: Quem conta a história?; Que tipo de narradora é essa?; Ela participa da história?; O que, no texto, revela o tipo de narradora?; Que recursos literários a escritora utiliza para criar um vínculo com o leitor?; Esse tipo de narrador tem alguma relação com o gênero memórias? Por quê?

Os trechos “Liberdade. O que essa palavra significa? Ir à escola? Aprender? E depois? Casar? Isso vai nos tornar livres?” (p. 21) e “Será que ela sabia para onde estava indo em meio a todo aquele concreto?” (p. 19) ilustram bem que a pontuação expressiva é usada de forma a confirmar, para o leitor, que a narradora está compartilhando com ele suas dúvidas para que possam refletir sobre elas. As reticências e os pontos de interrogação cumprem o papel de não dar respostas e convidar o leitor para o debate, como em: “Ela ficou lá em cima, sem comer nada, e me peguei tentando adivinhar quem ela era, para onde estava indo... Por que está sozinha?” (p. 13).

A prosopopeia, figura de linguagem bastante utilizada pela escritora, dá um colorido poético à prosa, colocando-a em relação com as ilustrações: “Essa menina também deve ter sonhos. Já deve ter deixado seu coração viajar” (p. 22); “Vejo um olhar preocupado? Ou seus olhos estão confiantes?” (p. 22) e “[...] meu coração estava pesado” (p. 25).

É fundamental planejar momentos de compartilhamento entre os estudantes que promovam conversas sobre as emoções que essa história causa. É importante que eles tracem um paralelo entre o que leem e o mundo que os cerca, seja no sentido de suas relações mais próximas, seja no sentido mais amplo, da sociedade à qual eles pertencem, e também que discutam sobre as indagações que surgirem e suas hipóteses sobre o tema discutido.

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidade mútuas. (COLOMER, 2007, p. 143.)

É no encontro entre palavra e imagem que o texto se forma, num sentido amplo e aprofundado. Para a leitura dessa narrativa, contemplando esses dois aspectos tão importantes da obra, chame a atenção para detalhes que poderiam, facilmente, passar despercebidos por estudantes de 6º e 7º anos do Ensino Fundamental.

Tomemos, por exemplo, a ilustração a seguir:



É possível que os estudantes não percebam a relação entre alguns elementos presentes nessa imagem: a balança — símbolo da justiça e da igualdade, do equilíbrio — surge mais de uma vez justamente na ilustração em

que vemos uma menina pobre vendendo frutas a uma mulher rica, enquanto dois rapazes (que buscam americanizar-se, talvez) parecem hostilizar a menina. Verifique se os jovens conseguem atentar para esses elementos quando observam a imagem, questionando-os sobre o que pensam a respeito da balança em relação à realidade da vendedora. Veja também o que eles pensam da bengala apoiada na roda do carrinho, e se é possível inferir que ela está fazendo alusão a uma balança desequilibrada. O animal perto da menina também está mutilado, faltam-lhe os membros superiores. Proponha aos alunos que procurem identificar os símbolos que representam as desigualdades nesse quadro. Eles devem ler essas imagens e uni-las ao texto verbal, buscando formar um sentido da junção dessas duas linguagens e relacioná-las com os questionamentos sociais que a narradora propõe.

Ao problematizar as relações entre as linguagens e ao que ela se refere, uma tendência pode rastrear-se, inclusive, no campo da literatura dirigida às crianças e adolescentes e que a produção literária dos alunos deve incluir, se se deseja formar cidadãos preparados para entender a época atual. (COLOMER, 2007, p. 31.)

As atividades de leitura compartilhada possibilitam aos estudantes:

[...] desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas. (BRASIL, 2017, p. 63.)

Finalmente, a análise do último trecho da narrativa permite criar situações de debate no sentido de aprimorar e ampliar a compreensão dos alunos.

O encontro da narradora com a vendedora de frutas possibilita questioná-los sobre em que medida uma menina que não tem uma perna, está usando roupas rasgadas e sendo maltratada por outros garotos na rua pode representar a esperança. Essa questão dá margem a uma interessante discussão entre os estudantes na busca por saber o que isso quer dizer.

(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.

5. ESTE LIVRO E AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

MATERIAL DE APOIO PRÉ-LEITURA

A BNCC afirma que é uma competência a ser desenvolvida, nos 6º e 7º anos do Ensino Fundamental, que o estudante seja capaz de “reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias” (BRASIL, 2017, p. 83). *A esperança é uma menina que vende frutas* possibilita esse trabalho, dada a discussão que propõe sobre o papel da mulher e sobre as desigualdades sociais com base na análise da linguagem empregada pela narradora para estabelecer um diálogo com o leitor.

Para que o aluno possa começar a leitura com mais recursos para participar da reflexão proposta pela narradora, é importante que se aproxime da cultura indiana. Uma sugestão é que faça uma pesquisa sobre esse país

e, posteriormente, compartilhe suas impressões com os colegas, observando semelhanças e diferenças com a cultura brasileira.

Para dar andamento a essa pesquisa, faça um levantamento prévio com os estudantes sobre o que já sabem sobre a Índia e o que gostariam de saber, elaborando uma lista de perguntas. As respostas para essas questões podem ser encontradas em livros ou vídeos, previamente selecionados por você. Em seguida, organize uma roda de conversa para que os alunos compartilhem suas descobertas, e então produzam um texto coletivo, cuja elaboração será mediada por você. Esse texto deve ficar disponível de forma que a turma possa consultá-lo sobre alguma dúvida que surgir durante a leitura do livro. Esta atividade pode ser realizada em conjunto com o professor de Geografia. Os estudantes irão ilustrar a pesquisa com o mapa da Índia, indicando a região em que Amrita Das vive.

O componente curricular de Língua Portuguesa deve garantir que os alunos desenvolvam competências específicas: “Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais” (BRASIL, 2017, p. 83).

Conversar sobre a realidade da mulher na Índia também é uma forma de instrumentalizar o jovem para uma interpretação mais crítica e aprofundada. Essa discussão pode ser iniciada pela leitura e análise de uma notícia de jornal, possibilitando, também, o acesso a esse gênero literário, embora, nesse momento, não se vá discutir sobre ele mais a fundo. Como sugestão, podem ser lidas as reportagens “Por que a Índia tem 63 milhões menos mulheres do que deveria” (disponível em: <<http://bit.ly/2kH1TSW>>; acesso em: 30 maio 2018) e “Igualdade de gênero é uma meta distante” (disponível em: <<http://bit.ly/2JnvpwW>>; acesso em: 30 maio 2018).

A ilustração tem um papel muito importante para a construção do sentido discursivo dessa história. Por isso, os estudantes podem observar algumas produções em arte Mithila a fim de se familiarizar com o estilo de

traçado e com o tipo de símbolos comuns a esse estilo de arte.

É possível, também, privilegiar o estudo do gênero Memória. Converse com os alunos sobre o que significa “memória” para eles e se sabem a diferença entre memória e biografia. Em seguida, proponha que digam quais são, na opinião deles, as características do gênero literário Memória. Peça então que registrem suas hipóteses no caderno, de forma que possam retomá-las mais adiante.

Outra possibilidade interessante é ler a carta de convite à leitura que se encontra no início do livro e conversar sobre as questões que ela traz, aproveitando para abordar também o texto sobre a autora. Chame a atenção dos alunos para o que pode ter influenciado Amrita Das a realizar esta obra, especialmente por se tratar de um livro de memórias, retomando, assim, o convite à leitura.

MATERIAL DE APOIO PÓS-LEITURA

Entre outras, a leitura do livro de Amrita Das pode contribuir no desenvolvimento das seguintes habilidades:

(EF67LP36) Utilizar, ao produzir texto, recursos de coesão referencial (léxica e pronominal) e sequencial e outros recursos expressivos adequados ao gênero textual.

(EF06LP11) Utilizar, ao produzir texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais: tempos verbais, concordância nominal e verbal, regras ortográficas, pontuação etc.

(EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composticionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção — o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. — e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário.

Terminada a leitura, proponha aos estudantes que compartilhem suas análises e conclusões sobre a compreensão do texto, o gênero e os recursos linguísticos utilizados pela escritora.

Nessa etapa, retome com a turma as hipóteses escritas sobre o gênero memória e, após uma roda de conversa, finalizem juntos as características desse gênero, dando ênfase ao tipo de narrador e enredo presentes nessa história.

É interessante ressaltar o que diferencia memória de outros gêneros, como biografia ou mesmo romances, cujo enredo traz o protagonista contando suas lembranças. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, por exemplo, tem um narrador-personagem que conta suas memórias, embora esse livro não seja do gênero memória.

Faça uma comparação entre os gêneros, de modo que os alunos percebam a distinção entre eles e ampliem seu conhecimento. Para isso, você pode selecionar a leitura integral ou de trechos de outras obras e pedir a eles que observem os recursos linguísticos, no caso da comparação com a biografia, ou discutam se o fato realmente aconteceu, já que a memória trata de elementos reais. No caso de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, peça que façam a comparação com o narrador, já que na obra de Machado de Assis a história é contada a partir das lembranças de um morto...

A produção de texto é uma atividade que também auxilia na formação de um leitor. Quando escrevemos um texto, nosso desafio é pensar como escritor e como leitor, para que possamos, deliberadamente, fazer escolhas que garantam o efeito que o escritor imprime no texto a fim de cativar o leitor. A intencionalidade é então colocada em pauta, e podemos fundamentar a escrita com o auxílio de modelos conhecidos de um gênero, buscando inspiração nele ou seguindo em direção oposta.

Como atividade de produção de textos relacionada a *A esperança é uma menina que vende frutas*, você pode pedir aos estudantes que escolham um assunto relacionado aos direitos humanos e relevante à realidade do povo brasileiro e, então, que escrevam, empregando o gênero memória, o que pen-

sam sobre esse assunto. Para tal, eles podem fazer o planejamento do texto, considerando a relação entre o tema que desejam tratar e uma situação que viveram e seja motivadora de reflexão. Depois de terminarem o texto, é fundamental que o submetam a uma revisão que permita o aprimoramento tanto dos aspectos discursivos (coerência, coesão, fluência) quanto notacionais (pontuação, ortografia). É importante nesse momento privilegiar duplas de revisão, de forma que você não seja o único responsável pela leitura crítica do texto. Quando os alunos leem o texto um do outro, eles têm acesso a outras formas e escrita e, com isso, aprendem mais sobre produzir textos. Os textos podem ser revisados em várias etapas, antes que se chegue a uma versão final, a qual poderá ser apresentada aos colegas e então publicada no *blog* da escola ou em um *blog* criado pela turma.

6. POSSIBILIDADE INTERDISCIPLINAR

ARTE

De acordo com a BNCC, espera-se que o componente Arte contribua com o aprofundamento das aprendizagens nas diferentes linguagens — e no diálogo entre elas e com as outras áreas do conhecimento —, com vistas a possibilitar aos estudantes maior autonomia nas experiências e vivências artísticas, permitindo que eles possam:

[...] explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades. (BRASIL, 2017, p. 196.)

As ilustrações de *A esperança é uma menina que vende frutas* é uma parte importante da história, pois está em consonância com o texto, complementando-o. É fundamental que você proponha a análise das imagens, sempre em contraposição ao que está escrito próximo dela, buscando observar quais elementos confirmam o que a narradora está contando, quais rechaçam suas teorias e quais complementam o que ela conta.

Faça também, em algum momento, uma leitura das ilustrações de maneira descontextualizada, colocando o foco especificamente na imagem. Uma vez que há um consenso, no mundo artístico, que Amrita Das têm rompido com a tradição na arte Mithila, uma análise interessante consiste em comparar uma obra mais tradicional e as ilustrações do livro. Os alunos podem fazer essa observação buscando responder a questões como: No que elas se aproximam?; Onde se distanciam?; O que a artista pretende ao ultrapassar as barreiras da tradição?; Quando pensamos no livro onde as ilustrações estão inseridas, essa tendência a romper com o tradicional está presente na história? Como?

Nas aulas de Arte, os alunos são levados a “problematizar questões políticas, sociais, econômicas, científicas, tecnológicas e culturais, por meio de exercícios, produções, intervenções e apresentações artísticas” (BRASIL, 2017, p. 194). A ilustração das pp. 6-7 traz elementos importantes, que antecipam a discussão proposta pela autora. Homens e mulheres não se olham e não se relacionam nessa imagem. Há menos mulheres do que homens na estação de Chennai, uma delas num plano inferior. Duas mulheres voam, como figuras místicas, sobre a estação. Os alunos devem analisar o que significa tudo isso, e, ao olhar para a mulher que está de pé, o que se pode dizer sobre a expressão corporal dela.



É fundamental que você tenha em mente que há muitas possibilidades de interpretação de um mesmo elemento e que a construção do sentido se dá pelo compartilhamento das hipóteses de cada aluno. Esse sentido não deve ficar restrito ao que é literal na imagem, e sim ser ampliado às reflexões que a ilustração provoca nos estudantes: O que você sente ao perceber a realidade exposta nessa cena?; O que você pensa sobre essas mulheres, que são impedidas de estar em situação de igualdade?

Outra possibilidade é pedir aos alunos que comparem as ilustrações entre si. Num primeiro momento, sugira que trabalhem individualmente e escrevam suas impressões sobre as comparações feitas. Depois, eles podem compartilhar essas impressões com os colegas. Esse tipo de atividade desenvolve nos estudantes a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes, de acordo com a BNCC.

Em seguida, proponha à turma que responda às seguintes questões: A que conclusões é possível chegar?; O que você pensa sobre a maneira como a menina é pintada?; Essa imagem revela a menina ou a maneira como a menina é vista pela autora?; O que, no texto, está conversando com as suas observações?

As diferenças sociais também podem ser notadas nos desenhos, tanto

pelos detalhes, como a presença de celulares, vestimentas, adornos, ausência ou abundância de comida, como pelo tema já apresentado explicitamente na imagem da página 13 deste manual e reforçada pelo texto que a acompanha, como em: “Essa outra garota usava roupas rasgadas. Ela não tinha uma perna, mas mesmo assim conseguia empurrar seu carrinho com segurança” (p. 26).

A leitura de uma obra indiana é muito relevante, já que possibilita aos jovens entrarem em contato com outra cultura e observarem, criticamente, suas práticas e produções artísticas, culturais e sociais. Ao fazer essa análise, é interessante relacioná-la com a realidade que o leitor experimenta em seu cotidiano, fazendo comparações, observando semelhanças e diferenças.

Nesse sentido, oriente os estudantes em uma pesquisa que revele mais sobre a arte tradicional brasileira, já que até o momento estão debruçados sobre a tradição artística indiana. Que tipo de ilustração consideram representante do folclore brasileiro? Por quê?

Depois dessa conversa, apresente à turma algumas obras em xilogravura, observando o tipo de traçado, o material, as cores utilizadas e de que maneira esse tipo de arte plástica representa o Brasil. Apresentar alguns textos que são ilustrados dessa forma também pode ajudar a ampliar o repertório do estudante.

Proponha aos estudantes que façam uma releitura de alguma ilustração do livro, utilizando a técnica da xilogravura ou da arte Mithila. Se preferirem, eles podem utilizar uma dessas técnicas para ilustrar o livro de memórias que produziram nas aulas de Língua Portuguesa.

O trabalho aqui proposto poderá auxiliar no desenvolvimento das seguintes habilidades:

(EF69AR01) Pesquisar, apreciar e analisar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, em obras de artistas brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas e em diferentes matrizes estéticas e culturais, de modo a ampliar a experiência com diferentes contextos e práticas artístico-visuais e cultivar

a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.

(EF69AR03) Analisar situações nas quais as linguagens das artes visuais se integram às linguagens audiovisuais (cinema, animações, vídeos etc.), gráficas (capas de livros, ilustrações de textos diversos etc.), cenográficas, coreográficas, musicais etc.

(EF69AR05) Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, performance etc.).

(EF69AR07) Dialogar com princípios conceituais, proposições temáticas, repertórios imagéticos e processos de criação nas suas produções visuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Conselho Nacional de Desenvolvimento da Educação (Undime), 2017.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

REYES, Yolanda. *Ler e brincar, tecer e cantar: literatura, escrita e educação*. Trad. Rodrigo Petronio. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.